



XVI CONGRESSO INTERNACIONAL GALEGO-PORTUGUÊS DE PSICOPEDAGOGIA

1,2,3 SETEMBRO 2021
UNIVERSIDADE DO MINHO
CAMPUS DE GUALTAR / BRAGA

*“ensinar exige
alegria e esperança”*

Paulo Freire



ATAS DO XVI CONGRESSO INTERNACIONAL GALEGO-PORTUGUÊS DE PSICOPEDAGOGIA

Organizadores

Bento D. Silva, Leandro S. Almeida,
Alfonso Barca, Manuel Peralbo, Regina Alves

Novembro 2021



Universidade do Minho
Instituto de Educação



UNIVERSIDADE DA CORUÑA



ASOCIACIÓN CIENTÍFICA
INTERNACIONAL DE
PSICOPEDAGOGÍA

Ficha técnica

Título

Atas do XVI Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia

Organizadores

Bento D. Silva; Leandro S. Almeida; Alfonso Barca; Manuel Peralbo; & Regina Alves

Editor

Universidade do Minho. Instituto de Educação. Centro de Investigação em Educação

Universidade Minho

4710-057 Braga



Suporte: Eletrónico

Design

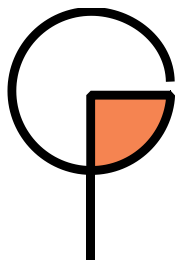
ANACMYK

anacmyk@gmail.com

ISBN

978-989-8525-71-0

Novembro 2021



XVI CONGRESSO INTERNACIONAL GALEGO-PORTUGUÊS DE PSICOPEDAGOGIA

1, 2 e 3 de setembro de 2021, UMinho, Braga, Portugal

ATAS

Associação Científica Internacional de Psicopedagogia (ACIP)
Universidade da Corunha, Universidade do Minho

Da memória patrimonial às tradições regionais: a não formalidade educativa e o
educador de museu

From heritage memory to regional traditions: the non-formal education and the
museum educator

Marília Castro (<https://orcid.org/0000-0002-8952-7970>)*, Maria do Céu Ribeiro
(<https://orcid.org/0000-0002-2616-2716>)*

*Instituto Politécnico de Bragança - Escola Superior de Educação, Centro de Estudos em
Educação e Inovação – UG-Guarda, Portugal

Contacto das autoras: mcastro@ipb.pt, ceu@ipb.pt

Resumo

As preocupações educativas em contexto museológico devem assumir-se como uma prática discursiva corrente e encerra potenciais comunicativos muito enriquecedores para o processo de construção cultural e artística de todo o indivíduo. Têm sido preocupações assumidas pela própria legislação em vigor que relativamente às instituições museus, as proposições educativas não formais e a inclusão sociocultural têm de estar presentes nas suas preocupações, como instituição de interesse público que se considera. Este espaço é responsável pela preservação e conservação do património que integra o seu espólio, mas igualmente pelo estudo, análise e investigação, logo produtor de saber, para além da comunicação e estruturação de um pensamento reflexivo e crítico. Uma atitude que ultrapassa a responsabilidade pelo património material mas também pelo património imaterial. A atitude consciente e refletida por parte do educador de museu permite-lhe ser um profissional responsável e atento dessas potencialidades na divulgação dos valores patrimoniais nacionais e regionais, de memória e de tradição, isto é, mediador de conhecimento. O recurso às aprendizagens nas várias expressões artísticas transportam os envolvidos para as suas vivências, tornam-se meios facilitadores de superação, numa construção de identidade humana e criativa. Nessa dinâmica construtora são apreendidos conteúdos, condutas, saberes num diálogo consistente entre as instituições educativas e formativas. Num cruzamento entre perceções e interações que ultrapassa todos os espaços delimitados tradicionalmente, o projeto dos contextos museológicos permite transpor os seus espaços e “visitar” novos palcos numa estratégia de aprendizagem ativamente (re)construída. As representações socioculturais e estético-artísticas assumem-se como parte de um imaginário criativo, inovador e, simultaneamente, perene para todos os envolvidos. Não sendo pioneiro, o trabalho estruturado e implementado pela educadora do Museu Etnográfico pertencente à Santa Casa da Misericórdia de Bragança, reconhecidamente de mérito, desafiou-nos ao presente estudo avaliativo. As atividades planificadas sob temáticas variadas (dos festejos carnavalescos às atividades artesanais, da primavera às datas mais comemorativas) foram implementadas com variados públicos utentes da instituição (crianças do pré-escolar, 1.º CEB, utentes do Centro de Educação Especial e da Estrutura Residencial de Pessoas Idosas), pretendiam divulgar o património local junto destes públicos e perceber que importância lhe atribuem. Trata-se de um estudo qualitativo de natureza descritiva e interpretativa, que utilizou grelhas de registo de recolha de dados, preenchidas no final de cada atividade, por auscultação direta aos públicos presentes. Da análise dos dados recolhidos conclui-se que os sujeitos reconheceram a importância dos momentos de partilha proporcionados pelas atividades que se reportavam às atividades tradicionais, aquisição de novos conhecimentos, interiorização de valores normativos e ultrapassar de receios pelos costumes desconhecidos. Dessa análise destaca-se a importância que os públicos mais velhos atribuíram a estes momentos, referindo que os viam como passagem de testemunho aos públicos mais novos.

Palavras-chave: memória patrimonial, educação não formal, educador de museu

Abstract

Educational concerns in a museological context should be assumed as a current discursive practice and contains very enriching communicative potentials for the process of cultural and artistic construction of every individual. Concerns have been assumed by the legislation in force that, in relation to museum institutions, non-formal educational propositions and sociocultural inclusion have to be present in their concerns, as an institution of public interest that is considered. This space

is responsible for the preservation and conservation of the heritage that is part of its collection, but also for the study, analysis and investigation, therefore a producer of knowledge, in addition to the communication and structuring of reflective and critical thinking. An attitude that goes beyond responsibility for material heritage but also for intangible heritage. The conscious and reflected attitude on the part of the museum educator allows them to be a responsible and attentive professional of these potentialities in the dissemination of national and regional heritage values, of memory and tradition, that is, a mediator of knowledge. The use of learning in the various artistic expressions transports those involved to their experiences, they become a means of overcoming, in a construction of human and creative identity. In this constructive dynamic, contents, behaviors and knowledge are apprehended in a consistent dialogue between educational and training institutions. At a crossroads between perceptions and interactions that go beyond all traditionally delimited spaces, the project of museological contexts allows them to transpose their spaces and “visit” new stages in an actively (re)constructed learning strategy. The sociocultural and aesthetic-artistic representations are assumed as part of a creative, innovative and, simultaneously, perennial imagination for all involved. Not being a pioneer, the structured and implemented work by the educator from the Ethnographic Museum belonging to the Santa Casa da Misericórdia de Bragança, admittedly of merit, challenged us to this evaluative study. The activities planned under various themes (from carnival celebrations to craft activities, from spring to more commemorative dates) were implemented with various users of the institution (preschool children, 1.º CEB, users of the Special Education Center and the Residential Structure of Elderly People), intended to disseminate the local heritage to these audiences and understand the importance they attach to it. This is a qualitative study of a descriptive and interpretative nature, which used data collection registration grids, filled at the end of each activity, by direct consultation with the audiences present. From the analysis of the collected data, it is concluded that the subjects recognized the importance of the moments of sharing provided by activities related to traditional activities, acquisition of new knowledge, interiorization of normative values, overcoming fears for unknown customs. This analysis highlights the importance that older audiences attributed to these moments, referring that they saw them as a passage of testimony to younger audiences.

Keywords: heritage memory, non-formal education, museum educator

Educação não formal em museu

Numa relação de reforço e colaboração ao processo educativo, a educação não formal apresenta critérios de intencionalidade facilitadora e caráter metódico ou sistemático, numa conexão consciente e funcional, mesmo de complementaridade a uma educação que se propõe integral para todo o indivíduo. Reconhecidas e valorizadas todas as aquisições adquiridas em contextos não formais cujo acento se dirige ao educando numa aprendizagem social, cultural e educativa (Trilla, 2008) – “además, el estudio de los procesos educativos que se dan fuera de la escuela puede contribuir incluso a mejorar la acción de la misma”; uma educação que se pretende “permanente” numa adequação de imensos recursos educativos; uma necessidade de integração de instâncias formadoras pedagógico-educativas, pois “lo realmente importante debiera ser la calidad y la pertinencia personal y social del aprendizaje en cuestión, y que el proceso para llegar a él haya sido el más eficaz” (Trilla, 2013, pp. 28 e 50). Assim, sendo igualmente um processo planeado, sistematizado e institucional, este processo educativo com critérios de não formalidade, relembra Pastor Homs (2001), destaca-se por contribuir positivamente para o desenvolvimento de indivíduos e comunidade, bem como para o auto enriquecimento cultural e auto realização pessoal com impacto em grupos diferenciados (adultos e crianças), através de atividades de duração breve, que podem ser operadas como parte integrante de objetivos perfeitamente identificados, com um programa variado que almeja reconhecida universalidade, sendo um processo igualitário, participativo e democrático. A educação não formal concorre juntamente com a educação formal para o incremento do processo de aprendizagem informal, preparando e sensibilizando para uma melhor experiência numa “visita a una exposición en una galería de arte o museo una persona que tenga una formación de base artística, que conozca algo del artista y sus circunstancias, que tenga desarrollada por su educación una sensibilidad hacia el arte” (Pastor Homs, 2001, p. 529); e apresentando-se como agente facilitador de um consciente desenvolvimento/crescimento livre e voluntário, parceiro reconhecido no processo de aprendizagem ao longo da vida – “a formação cultural, cimento das sociedades no tempo e no espaço, implica a abertura a outros campos do conhecimento e, deste modo, podem operar-se fecundas sinergias entre as disciplinas” (Delors, 1996, pp. 91-92). Desenvolver pessoal e socialmente através de intervenção sobre as competências e respetivos processos de desenvolvimento em contextos variados, configura-se como esse processo alargado às diversas esferas vivenciais de cada indivíduo; numa consolidação dessas competências e capacitando para uma adaptação ao ambiente social em contínua mudança, tal

Da memória patrimonial às tradições regionais...

como preconizou a Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, em 2000, na sua recomendação 1437 (Gomes, 2010). Nos “processos de partilha de experiências” articulados ao campo da educação cidadã, voltados para a formação do cidadão pleno, via diálogos temáticos (Gohn, 2014), porque “não basta ficar lendo eternamente sobre as obras de arte, é preciso vê-las, contemplá-las. É preciso aprendizagem sociocultural para compreender esta nova experiência de vivenciamento do sonho, da vontade, do desejo” (p. 46). A mesma autora acrescenta que “a arte, utilizada como meio de inclusão social, contribui para a democratização do acesso à cultura e impulsiona o exercício dos direitos culturais que todos devem ter”, permitindo aos espaços museológicos contribuírem para uma visão ampliada da história, da cultura, do folclore e da arte” (Gohn, 2015, pp. 11 e 20). Reconhece-se o potencial de intervenção à instituição museu, à qualidade educativa museal (relação com o público, aprendizagens, processos e ações educativas), num paradigma emergente que coloca o museu num lugar promotor do diálogo entre o contexto de vida do visitante e a experiência da visita, tornando os objetivos desta última “múltiplos e escolhas individuais, os significados são construções sociais, a experiência museal é simbólica, subjetiva e intersubjetiva, alcança as dimensões ritualísticas e lúdicas, provoca as emoções, é multissensorial e transcende o espaço do museu” (Cury, 2014, p. 62), permitindo ao visitante ser ativo e agir autonomamente; assumindo o museu um papel de provocador ativo na construção de memórias, bem como estimular o encontro (inter)geracional, uma construção identitária nem sempre tranquila.

O museu etnográfico

A diversidade cultural e patrimonial dos povos, de reconhecida riqueza e originalidade, abrange os seus bens materiais e imateriais, móveis e imóveis, devendo ser assegurada a sua proteção e promoção. Os museus considerados como intrinsecamente zeladores desse património, com papel de responsabilidade no estímulo à criatividade, geradores de oportunidades, bem como proteção, preservação e transmissão desse património, que se define como o conjunto de valores e expressões das “identidades, crenças, saberes e tradições, e ambientes que demandem proteção e melhoria pelas gerações contemporâneas e transmissão às gerações futuras” (ONU, 2005, 2015, n.p.) e acumulam uma função social como um dos seus propósitos fundamentais. Na legislação portuguesa de proteção e valorização do património cultural, identifica-se o seu âmbito patrimonial (nº 3, artº 2º) que define como de “interesse cultural relevante, designadamente histórico, paleontológico, arqueológico, arquitectónico, linguístico, documental, artístico, etnográfico, científico, social, industrial ou técnico, dos bens [refletindo] valores de memória,

antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade” (Lei nº 107/2001). As especificidades do património imaterial aglutinam expressões culturais e tradições (saberes, festas, danças populares, música, usos e costumes, lendas, língua, artesanato e gastronomia), entendendo-se património etnográfico como de vasta área cultural de um determinado local.

Com a industrialização, as alterações económicas e consequente mudança de mentalidade, constatou-se um desprendimento no meio rural para com o espólio de peças etnográficas, constatando-se a sua destruição, certamente por ignorância. O colecionismo surge com a revalorização do objeto etnográfico, apesar de uma alarmante degradação e da complexidade na sua conservação – a partir de finais do século XX, inicia-se a conservação, recolha e aquisição de peças etnográficas de forma sistemática, tanto por instituições públicas como privadas como por pessoas a título individual. Reconhecido o seu carácter insubstituível e irrecuperável, assume o espaço museológico esta responsabilidade: “el patrimonio etnográfico no fue creado para ser musealizado y, sin embargo, el museo se há convertido en un buen destino para este tipo de bienes que tienen una entidade socio-cultural” (Herrero Mórán, 2013, p. 138).

O Museu Etnográfico brigantino, apelidado de Dr. Belarmino Afonso, foi inaugurado em 1996, mas só aberto ao público em 2000. Agrega entre o seu acervo, recolhido pelo seu patrono e mentor ao longo de largos anos, temáticas variadas e representativas da cultura tradicional transmontana - nas palavras do Cónego Belarmino Afonso, o Museu “é aquilo que nos vai na alma, representa o que é ser transmontano”. Este espaço aglutina a recriação do modo de vida rural, a casa tradicional de inícios do século XX, os espaços da cozinha e do quarto de dormir, onde a rusticidade transmontana se destaca notoriamente do mobiliário aos pequenos utensílios; a transformação do linho que requiere dedicação e um conhecimento exímio desde a sementeira à colheita da planta, passando pelas restantes fases do processo – do curtir ao malhar até à dobadura; a produção de cereais para o fabrico do pão, do processo de moagem até à confeção no forno a lenha. As alfaias agrícolas estão presentes no seu espólio como registo de um trabalho dedicado à terra e importante fonte de sustento, entre essas ferramentas estão o arado e a charrua. De raízes ainda celtas, as máscaras dos caretos usadas aquando das festas do solstício de inverno, carregam um misto de ruralidade e mistério, num conjunto em que o traje e os chocalhos se complementam. Identificamos, ainda neste espaço, as oficinas do ferreiro e do carpinteiro, numa possibilidade de exploração minuciosa a todas as suas ferramentas de trabalho (cf. Ribeiro et al., 2020).

Da memória patrimonial às tradições regionais...

Numa união incondicional entre o material e o imaterial “la principal tarea de estos museos no es la contextualización del arte sino la contextualización de las ideas culturales y sociales que el patrimonio etnográfico posee ya que coadyuva a explicar costumbres, creencias, pensamientos tradiciones...” (Herrero Mórán, 2013, p. 140).

O educador de museu

Reconhecido o espaço museológico e os atuais conceitos e critérios expositivos que se pretendem dinâmicos, cativantes e interativos com os públicos visitantes, a estruturação das aprendizagens devem responder a *narrativas expositivas e educativas*. Esta responsabilidade assume-a o educador de museu, conhecedor das particularidades e pluralidades do acervo, “seduzindo” todos os públicos (Jacobucci, 2008), independentemente do seu capital cultural, pois “aquele educador que espera, alcança ser um transmissor que consiste em um decodificador para recodificar para o seu público” (Cury, 2013, p. 16), transformando o momento de aprendizagem numa experiência de qualidade; fazendo parte do projeto de gestão, o educador é também curador, mediador e comunicador – a comunicação cultural integra a educação e permite a participação do visitante, numa mensagem articuladora da cultura material e os significantes do quotidiano dos diferentes públicos – “O museu é o espaço propício para elucidação dos mecanismos da memória e a educação é auxílio preponderante nesse alcance” (p. 20).

Ultrapassados os modelos de deficit e unidirecionais dos conteúdos expositivos, é privilegiada uma comunicação extensiva, propiciadora de um processo ativo de transmissão de informação e conhecimento num diálogo entre educadores, técnicos e visitantes. É valorizada uma abordagem de comunicação que “propõe a incorporação de estratégias de participação e envolvimento do público que valorizem, justamente, o que o público sabe e que coloquem esses saberes no mesmo nível que os dos especialistas, na perspectiva de possibilitar um diálogo entre eles” (Marandino, 2008, p. 17), num encontro recetivo entre diferentes visões do mundo a partir da centralidade dos objetos museológicos, conjugando contemplação e interatividade. Paralelamente, a responsabilidade de uma curadoria educativa apresenta-se reveladora da importância do papel do educador de museu, numa articulação entre “equipes inter-relacionadas, que trabalham de forma multidisciplinar, concebendo, desenvolvendo, produzindo e mantendo exposições e projetos educativos” (Neto et al., 2017, p. 36).

Um trabalho que segue as palavras de Delors (1996) “Aprender para conhecer supõe, antes tudo, aprender a aprender, exercitando a atenção, a memória e o pensamento” (p. 92).

Opções metodológicas

O momento formativo a que se reporta este estudo foi concretizado em espaço Museu Etnográfico Dr. Belarmino Afonso. As ações educativas aqui apresentadas envolveram diversos públicos-alvo; crianças de Educação Pré-escolar, crianças do 1.º Ciclo do Ensino Básico, Idosos Institucionalizados em Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas e Adultos Institucionalizados Portadores de Deficiência, com um fator comum, todos estes públicos pertencem à mesma Instituição, integrando unidades orgânicas diferentes de acordo com as suas especificidades. As ações educativas visavam divulgar o património local junto de diversos públicos e perceber que importância atribuem às atividades desenvolvidas. Os registos de recolha de dados centram-se no recurso a grelhas de auto e heteroavaliação da atividade (Estrela, 2008; Gonçalves, 2006). A educadora de museu complementou ainda com notas de campo, com registos dos seus diálogos com os participantes nas diferentes atividades, considerando notas de campo como “o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo” (Bogdan e Biklen, 2013, p. 150).

O museu é um contexto que encerra em si muito mais que um espaço social onde podem ser vistas, analisadas, perpetuadas obras de arte e relíquias dos antepassados. Este agrega, também, espólios de valor indiscutível, que poderão contribuir, com este enriquecimento, para a operacionalização de atividades, contextualizadas no património local. O mesmo transformando-se em espaço onde se respira vida, ação educativa, interação e dinamismo converge em desenvolvimento de competências no campo histórico, cultural, recreativo, artístico e lúdico, onde quem o visita e integra essas atividades se sinta como parte do percurso etnográfico que se pretende evidenciar. Tendo por base estes pressupostos apresentamos um conjunto de atividades levadas a efeito neste Museu Etnográfico.

As atividades apresentadas foram organizadas em duas categorias: (1) temáticas/lúdicas e (2) costumes e tradições. Em relação à categoria atividades temáticas/lúdicas, estas tiveram como tema central o Natal, Páscoa e Primavera. Em relação à categoria costumes e tradições, implementou-se um conjunto de workshops que levaram os participantes a viver/recordar experiências que refletem os costumes e tradições da região onde estão inseridos. Para muitos dos presentes, população sénior e pessoas portadoras de deficiência, adultos, estas tradições fazem parte das suas vivências. O mesmo não acontece com as crianças da Educação Pré-escolar e 1.º CEB, manifestando algum desconhecimento sobre estas tradições. Este sentir refletiu-se,

Da memória patrimonial às tradições regionais...

igualmente na realização dos workshops de construção de instrumentos musicais, olaria (modelação de cantarinhas) e produção de sabão natural. Assim para a categoria (1) apresenta-se uma atividade e na categoria (2) apresentam-se duas atividades. Simultaneamente far-se-á a análise e interpretação dos dados e, considerações finais sobre este percurso.

Apresentação e discussão de resultados

Integrada na categoria (1) temáticas/ lúdicas a educadora de museu incluiu uma ação cujo tema se intitulava Natal, com o subtema “O Pai Natal cansado”. As crianças que frequentavam a Educação Pré-escolar, sala dos 5 anos, dos 3 jardins de infância da instituição, deslocaram-se ao museu e, num ambiente natalício, com apelo a espólios também natalícios que ali se encontravam, a educadora de museu, com o apoio das educadoras de infância que acompanhavam as crianças, apresentou o conto “O Pai Natal cansado”. Esta era uma pequena história elaborada pela educadora de museu e tinha como objetivo levar as crianças, através da figura do Pai Natal, às vivências natalícias do tempo dos seus avós, recorrendo, sempre que possível, a encenações previamente organizadas em circuito no interior do museu. Nas designadas estações do circuito evidenciavam-se costumes e tradições transmontanas da época natalícia.

A observação participante, uma das técnicas de recolha de dados, com recurso a registos em grelhas de observação e dos pequenos trechos que analisamos das notas de campo, permitiu-nos perceber que a observação e os registos da mesma possibilitam ao educador de museu ter uma atitude de construção e de mudança, que de acordo com Gonçalves (2006) o orientará para uma postura de consciencialização e crítica face à atividade que estava a desenvolver. Deste modo poderá adaptar, continuamente, a dinâmica à medida que a mesma progredia e, por conseguinte, tornar-se num “construtor de êxitos”, o que se enquadra com a perspetiva de Perrenoud (2002) ao referir que a formação contínua dos profissionais “tem a ver, acima de tudo, com a formação de pessoas capazes de evoluir, de aprender de acordo com a experiência, refletindo sobre o que fazer, sobre o que realmente fizeram e sobre os resultados de tudo isso” (p. 17). Com esta visita/atividade pretendia-se consolidar o conhecimento da sua herança cultural transmontana, material e imaterial. Integrada na categoria (2) costumes e tradições a atividade a descrever organizada igualmente pela educadora de museu com a presença das investigadoras. Neste dia convidaram-se três públicos distintos e que interagiram em perfeita harmonia (idosos, crianças do 1.º CEB e pessoas portadoras de deficiência). Pretendia-se realizar um workshop misto (que incluía os costumes, tradições e rituais carnavalescos), com recurso a um vídeo, onde se convidavam os presentes a “viajar” pelos

costumes e tradições carnavalescas, muito alicerçadas nesta região transmontana e a modelação de máscaras, em miniatura. O vídeo era interativo e, em diferentes momentos, era solicitado ao público que, com recurso a indumentárias presentes no museu, representassem a tradição carnavalesca que era referenciada, só depois se via a parte do vídeo para a apresentação da mesma. Isto aconteceu no decurso da apresentação e foi dada oportunidade aos diferentes públicos presentes que participassem. Esta ação integra-se na necessidade de cativar os visitantes e ampliar as relações dos museus com as escolas, com os idosos, com as pessoas portadoras de deficiência olhando para estes espaços como “vivos” onde se realizam atividades socioculturais diversas com o foco em diferentes públicos (Jacobucci, 2008). Após este momento “vivo” os diferentes públicos deram largas à sua imaginação na construção e decoração de uma máscara, adereço muito específico usado nesta época carnavalesca. Este pretendeu ser um trabalho educativo, desenvolvido à medida, com estratégias e metodologias complementares, consoante o grupo (Neto et al., 2017). No decorrer desta atividade foram realizados registos de observação da satisfação da atividade quer pela educadora de museu, pelas investigadoras e ainda foi solicitado um registo escrito, sob a forma de grelha, aos participantes. Nestes registos percebeu-se um claro envolvimento nas duas atividades e registos de elevado grau de satisfação, oito em 10 crianças, classificaram a atividade em Muito Bom, 2 crianças em Bom, justificando que no início sentiram medo dos mascarados, mas depois até gostaram muito. Referiram também que não imaginavam que num museu se pudessem fazer atividades tão interessantes. Em relação aos idosos, verificou-se um grande entusiasmo e envolvimento nos nossos registos, mas também nos auto registos dos idosos, realizados através de smiles, já que alguns não sabiam ler nem escrever os seus registos. Os idosos referiram ser uma atividade a fazer mais vezes, recorrendo a outros costumes e tradições porque assim sentiam que estavam a passar os seus testemunhos “vivos” aos mais novos. O mesmo tipo de registo foi efetuado para as pessoas portadoras de deficiência com resultados muito similares em relação aos públicos anteriormente apresentados.

De referir que estas atividades são planificadas de forma flexível atendendo à especificidade do grupo, são frequentadas voluntariamente, sem estarem sujeitas a estruturas rígidas e formais. No entanto estamos conscientes que instituições onde este tipo de atividades acontece necessitam de uma estrutura interna muito bem organizada, uma vez que se propõem trabalhar com atividades muito variadas e com públicos muito diversificados (Porcher, 1997).

Da memória patrimonial às tradições regionais...

Em síntese da análise dos dados recolhidos conclui-se que os diferentes públicos reconheceram a importância dos momentos de partilha proporcionados pelas atividades que se reportavam às atividades tradicionais, aquisição de novos conhecimentos, interiorização de valores normativos e ultrapassar de receios pelos costumes desconhecidos. Dessa análise destaca-se a importância que os públicos mais velhos atribuíram a estes momentos, referindo que os viam como passagem de testemunho aos públicos mais novos.

Referências

- Bogdan, R. & Biklen, S. (2013). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora.
- Cury, M. (2013). Educação em museus: Panorama, dilemas e algumas ponderações. *Ensino Em revista*, 20(1), pp. 13-28.
- Cury, M. (2014). Museologia e Conhecimento, conhecimento museológico – uma perspectiva dentre muitas. *Museologia & Interdisciplinaridade*, 3(5), pp. 55-73.
- Delors, J. (1996). *Educação um tesouro a descobrir*. Cortez/Unesco.
- Diário da República I série-A, nº 209, de 8 de setembro de 2001. Lei nº 107/2001. <https://data.dre.pt/eli/lei/107/2001/09/08/p/dre/pt/html>
- Estrela, A. (2008). *Teoria e prática da observação de classes: uma estratégia de formação de professores*. Porto Editora.
- Gohn, M. (2014). Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos. *Investigar em Educação*, IIª série, nº 1, pp. 35-50. SPCE.
- Gohn, M. (Org.) (2015). *Educação não formal no campo das artes*. Cortez.
- Gonçalves, F. (2006). *A auto-observação e análise da relação educativa*. Porto Editora.
- Herrero Morán, B. (2013). La conservación del patrimonio etnográfico a través de la musealización. *Ge-conservación*, 5, pp. 135-147. <https://doi.org/10.37558/gec.v5i0.191>
- Jacobucci, D. (2008). Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. *Revista Em Extensão*, 7(1), 55-66.
- Marandino, M. (Org.) (2008). *Educação em museus: a mediação em foco*. Geenf/FEUSP.
- Neto, A., Fortunato, I & Lopez, J. (2017). *Educação não formal e museus: aspectos históricos, tendências e perspectivas*. Hipótese.
- Organização das Nações Unidas (2005). Convenção sobre a proteção e a promoção da diversidade das expressões culturais. ONU.

- Organização das Nações Unidas (2015). Recomendação relativa à proteção e promoção dos museus e das coleções, da sua diversidade e do seu papel na sociedade. ONU.
- Pastor Homs, M. (2001). Orígenes y evolución del concepto de educación no formal. *Revista española de pedagogia*, LIX (220), pp. 525-544.
- Perrenoud, P. (2002). *A prática reflexiva*. Artmed Editora.
- Porcher, L. (1977). *A Escola Paralela*. Livros Horizonte
- Ribeiro, M., Castro, M. & Pires, P. (2020). O espaço museológico no processo educativo: reflexões sobre as aprendizagens. In Lopes, R., Mesquita, C., Silva, E. & Pires, M. (Eds.). *V Encontro Internacional de Formação na Docência. Livro de Atas* (pp. 620-630). IPB.
- Trilla, J. (2008). A educação não formal. In Trilla, J., Ghanem, E. & Arantes, V. (Org.). *Educação formal e não-formal* (pp. 15-58). Summus.
- Trilla, J. (2013). La educación no formal. In Morales, M. (Org.). *Educación no formal: Lugar de conocimientos* (pp. 27-50). Ministerio de Educación y Cultura.

Agradecimentos: As autoras registam o seu público agradecimento à Mestre Patrícia Pires (Santa Casa da Misericórdia de Bragança) pelo seu rigor profissional, empenho e imensa sensibilidade no trabalho desenvolvido e implementado.

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto Ref^a UIDB/05507/2020. Agradecemos adicionalmente ao Centro de Estudos em Educação e Inovação (CI&DEI) e ao Politécnico de Bragança pelo apoio prestado.